



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA – PARFOR

MEGE MARIA DE MELO SOARES

TEMPO E MEMÓRIA:
A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NO MUNICÍPIO DE MARITUBA

Belém
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ
LICENCIATURA PLENA EM PEDAGOGIA – PARFOR

MEGE MARIA DE MELO SOARES

TEMPO E MEMÓRIA:
A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NO MUNICÍPIO DE MARITUBA

Belém
2017

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ

**TEMPO E MEMÓRIA:
A CONSTRUÇÃO DA PRÁTICA DOCENTE NO MUNICÍPIO DE MARITUBA**

Trabalho de conclusão de curso apresentado a banca examinadora do Instituto de Ciências de Educação, da Faculdade de Educação – Plano Nacional de formação educação de professores da Educação Básica (PARFOR), como processo de avaliação final para obtenção do grau de professor licenciado em Educação Básica.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Maria Lúcia Chaves Lima

Belém
2017

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho primeiramente à Deus, por ser essencial em minha vida, autor de meu destino, meu guia, socorro presente na hora da angústia. A minha amada mãezinha que muito me incentivou a seguir meus sonhos ao meu querido pai, Eládio Soares, e meus filhos queridos.

SUMÁRIO

| | |
|--|----|
| 1. INTRODUÇÃO | 6 |
| 2. LEMBRANÇAS ESCOLARES | 8 |
| 3. O MAGISTÉRIO | 13 |
| 4. ATUAÇÃO COMO DOCENTE | 15 |
| 5. A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA NA UFPA (PARFOR) | 21 |
| 6. CONSIDERAÇÕES FINAIS | 23 |
| REFERENCIAS | 25 |

1 INTRODUÇÃO

Este memorial descritivo tem como objetivo apresentar a minha trajetória de vida pessoal, familiar e profissional. Ele se caracteriza como um instrumento de auto avaliação, onde revela a imagem que venho construindo do meu eu e as relações estabelecida em minha caminhada pessoal e profissional.

Apresento neste memorial experiências não somente individuais, uma vez que percebo a impossibilidade de separar a minha história da história da minha família, colegas de sala de aula, alunos e do cotidiano acadêmico na Universidade Federal do Pará, cursado por meio do Plano de Ações Articuladas de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR). Parfor é um programa em colaboração entre o Governo Federal, e as instituições de ensino.

O memorial, segundo Severino (2000), caracteriza-se como uma autobiografia, contendo relatos históricos, analíticos e críticos, que deve dar conta dos fatos e acontecimentos que constituíram a trajetória acadêmico-profissional de sua autora ou autor.

A memória aparece como força subjetiva, ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e inovadora. Bosi (1995), em seu trabalho de livre docência por meio do qual focalizou a reconstrução da memória de velhos paulistanos, destaca o caráter da memória-trabalho, ou seja, a rememoração não é, em geral espontânea e livre, mas um processo que envolve esforços e dedicação (no caso de pessoas idosas essa faceta se revela com mais nitidez). “Memória é reflexão, compreensão do agora a partir do outrora, é sentimento, reaparição do feito e do ido, não sua mera repetição, pois lembrar não é reviver, mas refazer, logo, os recordadores é, no presente, trabalhadores” (BOSI,1994, p. 46).

Desse modo, minha proposta foi trabalhar a partir de minhas memórias, da minha vida, revelando momentos significativos que estavam guardados em um cantinho da minha memória. Eu me “revelo” como alguém que abre um baú velho e empoeirado contendo minhas recordações. Coloco-me em uma posição perigosa de mexer no que antes estava oculto e agora expor minhas lutas, sabores e dissabores.

Do “fundo do baú” saíram muitas lembranças, umas boas, outras ruins, afinal são meio século de vida e vinte e um anos de docência no município de Marituba, Estado do Pará. E esse tempo decorrido ressurgue como uma retomada de minha vida, minha história, envolvendo memória, lembranças e recordações. Não é a história em si mesma, mas como o eu interpreto e conto essa história (DELGADO, 2006).

Assim, escrever este memorial é um privilégio de me lançar ao passado e poder relatar parte de minha existência que só agora percebo, com mais clareza, o quanto foi importante. E ao escrever sobre minha própria história, lanço-me na busca de me conhecer melhor, por meio de uma narrativa que não se faz de modo linear ou de modo objetivo. Mas que é a expressão do meu viver, fundada em um tempo e engendrada em lapsos de memória que busca no passado e no tempo presente a possibilidade de se projetar ao futuro.

Então, lembrar não é reviver, mas refazer, reconstruir, repensar, com e ideias de hoje, as experiências do passado. A memória não é sonho, é trabalho de reconstrução de um passado que construiu o presente dando espaço para um futuro melhor. O sonho de ontem é o objetivo de hoje. E um grande sonho sempre fora a formação superior, que parecia algo tão distante para mim, uma ideia sem corpo e sem movimento.

Mas hoje, esse sonho está em vias de se realizar. E é sobre esse sonho que me dedico a escrever o presente memorial. A escrita desse sonho está dividida em quatro etapas. Na primeira, abordo as minhas lembranças escolares, momento no qual relembro quanto foi difícil minha vida escolar desde o início. Na segunda etapa, apresento o porquê optei em cursar o magistério, as razões pelas quais escolhi ser professora. Na terceira, abordo os desafios que a vida docente me apresentou. Por fim, a concretização do sonho: cursar Pedagogia na UFPA.

Palavras serão ditas e outras com certeza silenciadas porque assim me disponho em abrir um baú velho, empoeirado pelo tempo que no exercício do dia-a-dia podemos abrir para lembrar ou fechar e esquecer para sempre.

2 LEMBRANÇAS ESCOLARES

Nasci em Belém do Pará no dia 11 de novembro de 1966, de parto normal na Maternidade do Povo, não sei o horário. Sou a sétima filha entre nove irmãos, de uma família linda. Morávamos em Belém, no bairro da Marambaia. Quando completei 4 anos, minha família mudou-se para Marituba, no bairro do Uriboca.

Lembro do meu saudoso pai Eládio Soares e da minha cheirosa mãezinha Raimunda Melo, sempre dedicando o amor, carinho e compreensão com todos os filhos. Relembro de nossas brincadeiras, meninas brincando de casinhas e meninos de futebol, peteca e pipa. Éramos muito felizes. Tomávamos banho de igarapé, subíamos nas árvores para colher frutas. Foi muito interessante esta fase de minha vida. Nos dias de hoje as crianças que vivem nas cidades não brincam mais dessas coisas. As crianças de hoje ficam o dia todo nos *tabletes*, *smartphones*, computadores com games em rede, exercitam partes da mente, mas deixam o corpo em uma inércia quase que total e sem contato com outros de sua idade.

Para Vygotsky (1991), brincar é essencial para o desenvolvimento cognitivo da criança, pois os processos de simbolização e de representação a leva ao pensamento abstrato. Para mim, a brincadeira não é só a lembrança de uma época boa, mas ao resgate cultural, de uma forma de pensar e agir já esquecido por muitas crianças da atualidade.

Resgatar a origem dos brinquedos, brincadeiras e jogos tradicionais infantis de outrora, como expressão da história e da cultura, deve ser parte integrante do currículo escolar de crianças na Educação infantil e nas séries iniciais, pois nos mostra os estilos de vida, maneiras de pensar, sentir, falar e, sobretudo, de brincar e interagir de um determinado tempo de uma determinada sociedade (BARRIOS; CUNHA, 2011).

Minha primeira escola ficava a 100 metros de casa, na rua da Bomba em Marituba. Nesta época, Marituba era chamada Vila Operária. A escola funcionava em uma casinha improvisada de madeira com 2 cômodos. Na verdade, era a casa do professor Sebastião, conhecido carinhosamente por tio Bá, meu primeiro professor. Ele ensinava várias séries e crianças com diferentes idades. Nessa época eu tinha 6 anos e cursei o jardim infantil (hoje Educação Infantil).

Lembro-me que sentávamos em banco de tabuas grande um ao lado do outro, 4 ou mais crianças juntas, apertadas, sem nenhuma interação com os alunos. Era bem difícil aprender com aquela condição física e pedagógica daquela escolinha.

Segundo Azzi (apud PIMENTA, 2005), o professor constrói no cotidiano da sala de aula um saber pedagógico, e entendemos que é através desse saber construído que o professor

interage com seus alunos e, através dessa interação, os saberes vão sendo desenvolvidos, tanto pelo professor, quanto pelo aluno. Entendemos também que é o professor da Educação Infantil que deve criar condições para que os alunos se envolvam todas as suas necessidades.

Dronet (1993) afirma que para alcançar tal objetivo, o professor desse seguimento educacional precisará criar condições ambientais que satisfaçam as necessidades básicas da criança proporcionando-lhes um clima de bem-estar físico, afetivo, social e intelectual.

Infelizmente ainda hoje, 44 anos depois, ainda existe um número significativo de instituições de ensino que não estão autorizadas a funcionar pelos órgãos competentes sem infraestrutura adequada para receber nossas crianças.

É preciso que as Secretarias de Educação entre em contato com estas instituições e regularize as situações, pois é atribuição da Secretaria de Educação (estadual ou municipal) autorizar, orientar e supervisionar o funcionamento das instituições educacionais, tendo como base o parecer do Conselho Municipal ou Estadual de Educação.

Na época do início da minha vida escolar, meu pai era o único provedor a sustentar 12 pessoas. Ele trabalhava em uma empresa de vendas de café, mas a situação financeira de nossa família era muito difícil. Nosso material escolar era composto de um lápis partido ao meio, um caderno costurado pela minha mãe de folha de papel almaço e encapado de folha de jornal, uma mochila de saco de farinha de feira que minha mãe costurava.

A pobreza urbana, de acordo com Grynspan (1997), é uma situação de privação e impotência. Privação porque os indivíduos não dispõem de poder aquisitivo para satisfazer suas necessidades materiais mais elementares, e isso é produto da ausência de educação, capacidade, atitude, ferramentas, oportunidades ou capital cultural suficiente para gerar poder aquisitivo e acumular. Impotência porque não possuem nem organização nem acesso ao poder político para transformar essa situação por iniciativa própria (ZICCARDI, 2001).

No ano seguinte, completei 7 anos e mudei de escola. Fui estudar a primeira série no Grupo Escolar Padre José de Anchieta, que ficava bem longe de casa, próximo da praça da matriz de Marituba, em frente a BR 316. Hoje tem um supermercado no local onde funcionava a escola. Lembro-me que era uma escola com poucas salas, mas elas eram grandes, telhado e portas altas, ela foi construída na época da antiga estrada de ferro Belém – Bragança e que em Marituba tinha vilas de casas construídas para os ferroviários.

Não tenho lembranças da professora da primeira série. Vai ver não significou muito na minha vida. “Faço o possível e o impossível para não ter qualquer semelhança com minha mestra de infância” (LAJUTO apud CORACINI, 2004, p.11). No entanto, lembro de duas amigadas que fiz nesta mesma turma: Edselma Bastos e Silvia Bastos. Elas eram primas e nós

desenvolvemos uma amizade verdadeira. Lembro que Edselma me levava para sua casa para brincarmos de casinha. Seu pai era empresário no ramo de panificação e eles tinham um poder aquisitivo elevado. Ela tinha todos os tipos de brinquedos que se podia imaginar, suas bonecas eram uma mais linda que a outra. Como as minhas bonecas eram de retalho de pano feito pela minha querida mãe, eu chegava a sonhar com todos aqueles brinquedos que minhas amigas de escola tinham.

Elkonin (1998) confirma isso ao afirmar que a história do brinquedo acompanha a humanidade. O autor relata que os brinquedos mudam conforme mudam os padrões de uma sociedade. Ou seja, os brinquedos que uma criança tem ou que não tem são muito importantes para seu desenvolvimento.

Concluí a 4ª série e mudei de escola novamente: fui estudar na Escola Estadual Fernando Ferrari. Estudei da 5ª a 8ª série nessa escola. Lá eu não tinha nenhuma colega. Minhas duas amigas da escola anterior mudaram para uma escola particular em Belém.

Eu sempre fui muita quieta e observadora, não era muito de comentar os meus problemas. Tive muitas dificuldades para estudar nesta época, principalmente entre a 7ª e 8ª série, pois meus pais se mudaram para um sítio em Marapanim e eu fiquei morando com um irmão que já era casado. No início eram flores, mas depois de uns meses comecei a sofrer. Eu ia para a escola sem tomar sequer uma xícara de café e na escola não davam merenda. Então, eu ficava com fome até as 11:30 e sabia que ao chegar em casa não tinha nada para comer, pois meu irmão passava o dia trabalhando e minha cunhada passava o dia na casa da mãe dela. Meu único alimento eram as frutas que tinha no quintal de casa.

Deus novamente me olhou e eu fiz amizade com uma colega, Dejanira, que era filha de um borracheiro. Todos os dias ela comprava lanche para mim e eu ficava feliz. Sempre andava com ela, pela amizade e pela merenda que ela comprava para mim na hora do recreio. Hoje sabemos que temos a Lei n 11.947\2009 do FNDE que fala da responsabilidade do município em fornecer merenda escolar a todos os alunos, mas infelizmente sabemos que ainda há escolas que não disponibilizam merenda aos alunos. Ou seja, muitas crianças ainda sofrem de fome na escola como eu sofri.

Outro momento marcante era o dia da aula de educação física. Eu tinha vergonha de usar short, pois eu era evangélica e só usava saia. Minhas pernas eram finas e muito brancas, o que me dava vergonha.

No final da 8ª série, nas minhas contas, eu tinha passado em todas as matérias. Então, fui passar as férias no interior com meus pais. Porém, uma professora da matéria Educação Moral e Cívica não lançou minhas notas na sua caderneta e eu tive que recuperar a 8ª série por

conta da irresponsabilidade dessa professora. Chorei bastante, pois nunca tinha ficado reprovada; foi um sentimento ruim e prometi que estudaria para não ter que reprovar mais. Eu nunca esqueci desta professora.

O bom ou mal professor marca não só a vida escolar do aluno, mas sua trajetória de vida, pois o espaço-tempo de sala de aula sob as ações pedagógicas propostas pelo professor promove junto ao alunado a construção de um novo ser, que saindo das amarras da ignorância percebe o mundo a sua volta.

A prática pedagógica do professor deve preocupar-se em desenvolver quatro aprendizagens fundamentais, que serão para cada indivíduo os pilares do conhecimento: 1) aprender a conhecer, que indica o interesse, a abertura para o conhecimento, que verdadeiramente liberta o indivíduo da ignorância; 2) aprender a fazer, que mostra a coragem de executar, de correr riscos, de inovar, de reinventar, de errar mesmo na busca de acertar, só se aprende errando e refletindo sobre os erros cometidos; 3) aprender a conviver, que traz o desafio da convivência que atualmente tem se tornado algo bastante difícil e apresenta o respeito a todos e o exercício de ética e solidariedade como caminho do entendimento e de boas relações aceitar as diferenças; e, finalmente, 4) aprender a ser, que talvez seja o mais importante por explicitar o papel do alunado como cidadão do mundo e que o objetivo maior da vida é viver e saber viver com o outro (MORIN, 2001; PRADO et al, 2017).

Quando estava repetindo a 8ª série, conheci uma colega de classe por nome Gerleyde, filha de um grande comerciante do ramo de confecções e variedades. No início, ela tinha interesse na nossa amizade, pois eu fazia os trabalhos escolares dela. Mas ela pôde me retribuir com um emprego na loja de seu pai. Era tudo que eu precisava nessa época, pois estava em uma situação financeira difícil. Agora empregada, quis mudar de escola e cursei o 1º ano do segundo grau em uma escola particular, colégio Rui Barbosa em Belém, no bairro de Nazaré. Era um curso técnico e optei pelo curso de contabilidade.

No decorrer desse ano, entre idas e vindas no ônibus, conheci meu marido, Francisco José. Começamos a namorar e quando terminou o ano letivo fomos morar juntos. Eu engravidei do meu primogênito, Frankly Wesley, nascido em Ananindeua no hospital Anita Gerosa no dia 02/06/1989, momento de muita felicidade para o casal e toda família. Mas tive que me afastar da escola para me dedicar a esse momento sublime de minha vida que foi a maternidade.

Passaram-se 3 meses do nascimento do meu filho, fomos morar na cidade de Santarém, longe de todos da minha família. Meu marido era crediarista e passava dias viajando. Eu engravidei novamente e meu segundo filho nasceu um ano depois de Franklyn.

Foi muito difícil cuidar de duas crianças pequenas longe da minha mãe, pai e irmãos, e com o marido viajando muito a trabalho.

Fiquei residindo dois anos naquela cidade, sem estudo, sem trabalho e com duas crianças pequenas para cuidar. Estava sem perspectivas de continuar meus estudos. E dois anos depois, engravidei novamente de minha caçula, Flavia Karoline.

Em 1991 voltei para Marituba, onde estava minha família. Como vim de navio, passei 3 dias com minhas três crianças. Resolvi voltar quando recebi a notícia que minha mãe estava doente e tinha sido operada de pedra na vesícula. Então, decidi voltar, pois nada me obrigava a ficar naquela cidade sozinha.

Entre tantas conversas que tive com minha amada mãezinha, ela me aconselhou a voltar meus estudos e fazer magistério que rapidamente eu iria arrumar um emprego de professora. Eu também pude observar nessa época que minhas colegas estavam estudando, empregadas com suas casas próprias e eu morando com meus pais e desempregada e com três crianças. Tudo isso me incentivou a voltar a estudar. Optei pelo magistério e nunca me arrependi disso.

3 O MAGISTÉRIO

Pela memória, o passado não só vem à tona das águas presentes, misturando-se com as percepções imediatas, como também empurra, “descola” estas últimas, ocupando o espaço todo da consciência. A memória aparece como força subjetiva ao mesmo tempo profunda e ativa, latente e penetrante, oculta e invasora. (BOSI, 2003, p. 36)

Desde cedo o ofício de ensinar e aprender esteve presente no meu dia-a-dia, pois sou filha de uma professora. Minha mãe era professora no interior de Marapanhim, um lugar chamado Itacuã. Ela estudou até a quinta série em Belém. Nessa época era muito comum quem tinha esse estudo se tornar professora. Eram o que chamavam de professoras leigas. Talvez por isso, acabei escolhendo o magistério como ponto de partida da minha profissão. Ou será que foi o magistério que me escolheu? É uma indagação que me pego fazendo sempre quando adentro em uma sala de aula.

Então decidi me matricular, em 1992, na Escola Estadual Fernando Ferrari para cursar magistério. Foi muito difícil enfrentar as greves dos professores. Quase desistia porque deixava meus três filhos pequenos sozinhos até o pai chegar às 20 horas. Mesmo com todas as dificuldades, concluir o segundo ano.

Em 1993, quando estava cursando o terceiro ano, minha mãezinha morre com um câncer no útero. Era maio, justo o mês das mães. Perdi minha mãe, minha mestra. Estava em uma tristeza sem fim. Tive desejo de trancar o curso, mas as palavras de minha mãe me deram forças: *“A desistência só encara quem não tem um objetivo de crescer e se tornar um vencedor nesta vida de meu Deus”*. Então, não desisti.

Sobre os ensinamentos das professoras do magistério, lembro que nos ensinavam principalmente a postura que uma professora deveria ter em sala de aula. Eu lembro muito bem de como nos ensinavam a nos vestir com trajes decentes, de manter a cabeça ereta. Nunca me ensinaram como transmitir conhecimentos para meus alunos. A verdade do saber estava contida sempre no professor e cabia aos alunos aprenderem sem questionar, ou seja, aprendi a ser professora na velha Pedagogia Tradicional que formou a grande maioria dos professores que se encontram hoje atuando no espaço-tempo de sala de aula.

A pedagogia tradicional é uma tendência da educação que prioriza a teoria do ensino sobre a prática, ou seja, a principal preocupação dos professores está relacionada a “como ensinar” e não a “como aprender”. Nesse tipo de pedagogia, a mente da criança é vista como tabula rasa, expressão vinda do latim que significa folha em branco. Nossa mente, originalmente é “folha em branco” e a partir do nosso contato com o mundo dos sentidos, inscrevemos conhecimento na nossa mente. John Locke (1997), filósofo empirista (1632-

1704), dizia que não há nada em nossa mente que antes não tenha passado em nossos sentidos. Ou seja, a pessoa nasce sem conhecimento algum, mas com o passar do tempo pode ir adquirindo a medida que vai assimilando o mundo à sua volta por meio da experiência (SETUBAL; MALDANER, 2017, p.1).

Mesmo tendo a certeza que a Pedagogia Tradicional deixou lacunas na formação do meu ser professora, ela me possibilitou o acesso e o trabalho junto a crianças, jovens e adultos que ainda se encontravam na ignorância do ler, escrever e contar.

Na concepção de Nóvoa (2001, p.1), “o aprender contínuo é essencial e se concentra em dois pilares: na própria pessoa, como agente, e a escola como lugar de crescimento profissional permanente [...] a formação continuada se dá de maneira coletiva e depende da experiência e da reflexão como instrumentos contínuos”.

Por fim, terminei o terceiro ano do magistério com muitas lutas. Aí começa um outro dilema na minha vida: minha formatura. Só se falava disso na sala de aula. Eu tinha pedido para meu marido comprar meu anel de formatura, mas ele acabou comprando um anel qualquer, o que me deixou indignada. Estava sem dinheiro, não tinha o anel, a roupa, nem o sapato para festa de formatura.

Um dia conversando com ex-prefeito de Ananindeua, o senhor Fernando Correa, ele me prometeu ser meu paraninfo e iria comprar meu anel. Depois de uns dias percebi que não se deve acreditar em promessas de político. Então, pedi ajuda ao meu pai que de imediato me deu o dinheiro para comprar o abençoado anel. Nunca esqueci o valor: C\$15,00 (quinze cruzados novos).

Mas ainda tinha o dilema de comprar a roupa, sapatos e adereços. Então uma senhora de uma loja me vendeu a blusa e o tecido da saia para pagar depois. Uma colega de sala resolveu me ajudar costurando a saia. Os sapatos fui emprestar de uma sobrinha que calçava um número maior do que o meu.

Então chegou o grande dia e meu marido já tinha dito que não poderia ficar com as crianças. Ele estava chateado, pois nem ele nem as crianças tinham roupa e sapatos para me acompanhar. Dona Silvana, um anjo que apareceu na minha vida, ficou com meus filhos para eu poder ir à cerimônia de formatura. Lembro que não usei batom, pois não tinha nenhum.

Era dia de festa, mas eu estava triste, pois estava sem minha mãe, que me incentivou tanto a continuar meus estudos, sem meus filhos, que sacrifiquei deixando duas horas sozinhos até o pai chegar do trabalho e que eram minha maior motivação para dar uma vida melhor para eles, e sem meu marido.

Se por um lado estava triste, por outro estava feliz. Entrei de mãos dadas com meu pai, que estava lindo de terno preto. Ele, orgulhoso, repetia que eu era a primeira dos nove filhos que recebia um diploma.

4 ATUAÇÃO COMO DOCENTE

Para complementar as reflexões acerca do ser docente, vem à mente a colocação de Delory (2012, p.523) “como os indivíduos se tornam indivíduos, quais as representações que ele faz de si próprio e de suas relações com os outros; entre o indivíduo e a dimensão temporal de sua experiência e sua existência”. Também da contribuição de Ferraroti (2010) que afirma que o ser humano é uma síntese individualizada e ativa da sociedade a qual faz parte, somos o reflexo do que passamos e construímos /destruímos, somos a junção do outro e do eu que vive em cada um. Assim, a professora que se autoconstruiu em mim é o reflexo do espelho vivenciado a cada instante na vida e no espaço-tempo de sala de aula.

Como a grande maioria dos professores, iniciei o ofício da docência na Educação Infantil. Comecei em uma pequena escolinha de um compartimento por nome Educandário Infantil Betel. Era composta de 20 crianças entre 4 e 5 anos. No início era uma escolinha particular, mas depois passou a ser filantrópica, pois as famílias não tinham condições de efetuar as mensalidades.

Em 1997 consegui meu primeiro emprego como professora. Só neste ano consegui ser contratada de fato, assinando um contrato na secretaria de educação do município de Marituba, e passando a ser remunerada formalmente. Comecei a trabalhar em uma escola em frente de casa. Era um barracão dividido em quatro salas de madeira com compensados. Dava aula para a terceira série. A turma era composta por com 65 alunos, entre 10 a17 anos. Pensei em desistir logo no primeiro dia. Eu não tinha planejamento nem manejo de classe. Era impossível controlar a turma. Nessa época meu marido já tinha sua oficina de marcenaria e estávamos bem financeiramente e pensei que eu não precisava passar por esta situação. Porém, lembrei do que eu tinha passado para chegar até ali, todas as dificuldades no estudo e das palavras de minha mãe. Foi então que eu preparei uma aula e fui para escola.

Lembro que no segundo dia eu era outra pessoa: determinada e comprometida. Mostrei aos meus alunos que eu estava segura. Confesso que não foi fácil controlar 65 alunos. Gastei meu tempo mais pedindo a atenção dos alunos do que ensinando. Infelizmente não consegui no final do ano bons resultados porque as salas de aula lotada, 80% dos alunos não sabia ler nem escrever, espaço pequeno para 65 alunos, sem orientação e coordenação pedagógica. Com tão precárias condições, foi difícil obter bons resultados neste ano com os alunos.

No ano seguinte fui para a turma da segunda série com 35 alunos que não sabiam ler ou escrever, mas eu consegui controlar a turma, o que para mim já era uma grande vitória.

Porém, novamente não alcancei bons resultados no final do ano. Eu estava sem orientação pedagógica, sem direção.

Comumente os professores, assoberbados de tarefas, responsáveis únicos (sem auxiliares) por turmas com grandes números de alunos e sacrificado por baixos salários (onde também se impõe a questão da sobrevivência, exigindo vários empregos e “múltiplas regências”), não conseguem oportunidade de maior investimento em sua própria formação. Mesmo assim, têm que enfrentar o desafio de ensinar a todas essas crianças.

Em 1998 fui lecionar no turno da noite na turma de primeira etapa, 1º e 2º série, no bairro do União, um bairro na periferia de Marituba, muito perigoso, com grupo de gangues e narcotráfico. A turma era constituída de homens e mulheres, na maioria senhores e senhoras que vinham do trabalho para escola, mas também de alguns jovens envolvidos com o tráfico de drogas. Em um ensaio de festa junina, duas quadrilhas rivais foram até a escola dando tiros com armas de fogo a procura desses jovens alunos para matá-los. Ficamos muito assustada. Ficamos trancadas na escola e ligamos para polícia.

Apesar disso, alguns referenciais teóricos (ABRAMOVAY et al, 2002; FARRINGTON, 2002) destacam que a prática de violência no ambiente escolar é geralmente associada ao jovem. Um fator que contribui para a possível relação entre “jovem e violência” destaca-se o estado de vulnerabilidade social que muitos jovens se encontram. A vulnerabilidade social se apresenta “como o resultado negativo da relação entre a disponibilidade dos recursos materiais ou simbólicos dos atores, sejam eles indivíduos ou grupos, e o acesso á estrutura de oportunidade sociais, econômicas, culturais que provêm do Estado, do mercado e da sociedade” (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 29). Ressalta-se ainda que a relação “juventude e violência”, pode ser advinda de:

(...) um produto de dinâmicas sociais, pautadas por desigualdades de oportunidades, segregações, uma inserção deficitária na educação e no mercado de trabalho, de ausência de oportunidade de lazer, formação ética e cultural em valores de solidariedades e de cultura de paz e de distanciamento dos modelos que vinculam esforços êxitos (ABRAMOVAY et al, 2002, p. 56).

Em 1999, o prefeito em exercício não conseguiu se reeleger e eu acabei sendo exonerada. Retornei em 2000 na gestão do prefeito Antônio Armando e dessa vez fui trabalhar em uma escola na zona rural por escolha própria, pois se tratava de uma comunidade muito humilde, que precisava muito de escolarização. Esta escola fica a um quilometro da BR-316 do município de Marituba; funciona com apenas duas salas. Passei nove anos

trabalhando na “Escola Municipal Santa Lucia”. Eu era muito querida pelos alunos, pais e colegas de trabalho.

O convite de assumir turmas no Ensino Fundamental adveio a partir da aprovação da Lei nº 11.274/2006, que instituiu o Ensino Fundamental com nove anos de duração e o ingresso das crianças de seis anos nessa etapa. Logo, a turma que eu tinha na Educação Infantil sumiu e não me sobrou nada, tendo a “opção” de ir ministrar aula no 1º ano e 5º ano do Ensino Fundamental.

Nesse momento da minha vida, enfrentei as seguintes dificuldades na construção do meu ser professora:

- Utilização do livro didático para ministrar aula, pois na Educação Infantil, assim como eu outras professoras elaboravam seu recurso didático, bem como, as tarefas eram preparadas e impressa no mimeografo a álcool que existia na escola que desenvolvi o labor, rapidamente tive que me adaptar à nova realidade;
- Controle da turma, na Educação Infantil eu tinha apenas 22 crianças (alunos) quando fui para o Ensino Fundamental assumir uma turma com 40 alunos. A dificuldades de mantê-los quietos e prestando a devida a tenção foi uma dificuldade enorme, mas me fez crescer como profissional, até mesmo grande maioria dos alunos provinham de famílias desestruturadas, conseqüentemente não tinha apoio dos pais /responsáveis na instrução dos alunos;
- Falta de infraestrutura na escola que viabilizassem uma instrução de qualidade, salas escuras e sem ventilação, carteiras quebradas etc.;
- Não tinha acompanhamento pedagógico do serviço técnico da escola deixando cada professora improvisar o que iriam ministrar em sala de aula, pois o importante para direção era que os alunos não voltassem para casa somente isto, a qualidade não era fator decisivo no processo ensino-aprendizagem;
- Falta de recurso didático, infraestrutura básica. Os alunos (crianças) na Educação Infantil não reclamavam tanto com a falta de merenda escola ou de espaço / recurso didático no desenvolvimento do processo ensino-aprendizagem, mas alunos do Ensino Fundamental sim, pois já sabem lutar por seus direitos e por aquilo que há de errado no contexto escolar, logo acaba recaindo na costa da professora a falta de merenda e de recurso;
- Falta de material de expediente e de material simples como giz de quadro. Cabia a mim e as outras professoras a compra de giz para que pudéssemos ministrar aula;
- Falta de espaço físico para realizar atividades recreativas com os alunos, tanto na Educação Infantil e no Ensino Fundamental há a necessidade de ter um local para que os alunos possam extravasar sua energia e volte a sala de aula mais calmos e atentos as orientações da

professora. Tive que enfrentar essa dificuldade e não pude reclamar, pois o que eu como outra professora ouvia, se você não consegue há varias professoras para ficar na sua vaga, isto se chama pressão psicológica. Sala de aula pequena para a quantidade de alunos sendo obrigado levantar-se da carteira para que um aluno possa sair para ir ao banheiro;

- Ausência de cursos de formação continuada:

Uma das principais motivações para escolha desta temática foi a oportunidade de vivenciar a prática docente e participar de alguns encontros de formação continuada, que me fizeram refletir sobre a mesma, para que o professor possa agir dentre as diversas situações que envolvem o processo de ensino aprendizagem. Ao longo do curso de Pedagogia pudemos perceber, através da observação nos campos de estágio, defasagens no processo de formação de professores, e com isto, um enfraquecimento na aprendizagem dos alunos. Essas dificuldades percorriam todo o processo de ensino aprendizagem. Desta forma, compreendemos que a formação continuada de professores é uma ação permanente, que possibilita a (re)construção da formação cotidiana no espaço escolar. Sendo caracterizada como um espaço de estudo, de aperfeiçoamento da prática e de desenvolvimento profissional. Corroborando com Gatti (2008), o conceito de formação continuada assume diferentes significados nos estudos educacionais. Ora limita-se aos cursos estruturados e formalizados após a graduação ou após ingresso dos professores no exercício magistério, ora a qualquer atividade que venha contribuir com a formação profissional docente. A formação do professor tem início, mas nunca tem fim (GOMES; LIMA, 2017, p.2).

- Falta de estrutura da escola para receber crianças de seis anos no Ensino Fundamental, carteiras e mobiliário sem condições de atender as reais necessidades das crianças (alunos), lidar com criança pequena e diferente da lida com crianças maiores.

[...] essa nova organização da carreira escolar foi adotada sem que houvesse antes, nas escolas de EF, a garantia de condições de infraestrutura, formação docente, diminuição de número de alunos por turma, adaptação de currículos e materiais didáticos, entre outras, que permitissem uma transição menos acidentada para o novo formato. Pelo contrário, a falta de definição sobre os exatos limites de idade para a transferência de alunos de uma etapa para a seguinte, a pressão exercida pela justiça sobre muitas redes públicas e as deficiências apresentadas pelas escolas de EF para receber crianças mais novas são tantos novos problemas que se somam àqueles mais antigos e ainda não superados na educação básica no país (CAMPOS et al.,2011, p. 29).

As colocações de Campos et al (2011) denotam e/ou ilustram muito bem a realidade sentida /vivenciada por mim na escola municipal, mas essas dificuldades possibilitaram ser a professora que sou hoje, pois a cada dificuldade enfrentada, eu precisava ser criativa, firme nas decisões a serem tomadas diante do processo ensino-aprendizagem.

Porém, passados anos de minha formação de magistério, já com os filhos criados, pude observar o grande número de crianças fora da escola e me veio a ideia de construir uma

escolinha de Educação Infantil. Isso aconteceu em 2008. Foi um ano muito difícil. Tive que conseguir a merenda, material didático e de limpeza. Algumas professoras me deixando, outras me jogando na justiça. Só depois de alguns anos de trabalho voluntário que conseguimos um convênio, em 2012, com a Prefeitura Municipal de Marituba, fruto de muito trabalho e de negociações com alguns vereadores do município para conseguir o auxílio necessário para fazer o convênio com a prefeitura de Marituba. Com muita luta, um vereador conseguiu o convênio com a prefeitura de Marituba e em 2012 a escola se tornou “Escola de Regime de Convênio Eladio Soares”. A escola recebeu esse nome em homenagem ao meu pai que foi o presidente na emancipação do município de Marituba.

Segundo Di Pietro (2000, p. 284), o convênio é definido como “forma de ajuste entre poder público e entidades públicas ou privadas para a realização de objetivos de interesse comum, mediante mútua colaboração”.

O convênio a ser firmado estabelecerá obrigações recíprocas para a execução do atendimento à criança de zero a seis anos na Educação Infantil (atualmente a Educação Infantil compreende crianças na faixa etária de 0 a 5 anos, pois com seis anos a mesma adentra no 1º ano do Ensino Fundamental), em consonância com as diretrizes estabelecidas na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional - LDB nº 9.394, de 1996 e a Lei nº 8.069, de 1990 (Estatuto da Criança e do Adolescente – ECA, é a legislação que explicita a implementação da proteção integral constitucionalmente estabelecida no artigo 227)

Assim posto, mesmo estando claro que a obrigação do Governo Municipal com a Educação Infantil deve ser efetivada pela expansão da rede pública, o convênio entre o poder público e instituições educacionais sem fins lucrativos foi e é uma realidade que assegura, na maioria dos municípios, o atendimento a um número significativo de crianças, em geral, da população pobre e vulnerabilidade.

O Fundo de Manutenção e Desenvolvimento da Educação Básica e Valorização dos Profissionais da Educação (FUNDEB), instituído pela Lei nº 11.494, de 20 de junho de 2007, assegura recursos constitucionalmente vinculados para todas as etapas e modalidades da Educação Básica. Assim, pela primeira vez no país, ficam vinculados recursos da União, dos Estados, do Distrito Federal e dos Municípios para o atendimento em creches e pré-escola.

Vale lembrar que por questões políticas partidárias do governo atual e dos passados, o acesso ao FUNDEB se faz presente somente aqueles professores que tem a comunicação direta com o gabinete do Prefeito ou de algum vereador do município. Assim, o professor e os demais cidadãos do município estão a mercê da vontade e os interesses particulares dos supostos representantes do povo.

Hoje relembro as grandes dificuldades que eu enfrentei a frente desse projeto que hoje funciona com 400 alunos nos turnos manhã e tarde, com 16 turmas. Hoje me sinto realizada, pois me ponho como base central nesse processo de educação para todos. E contribuindo com as mudanças necessárias para com uma sociedade esquecida pelo poder público.

Na concepção de Veiga (2006), o professor não pode mais ser aquele que tem uma didática definida com papel de apenas ensinar o conteúdo, ele deve assumir seu papel de mentor e facilitador, deve priorizar e intermediar o acesso do aluno à informação. Com isso, suas técnicas devem ser aprimoradas constantemente e seus métodos e metodologias de ensino, conseqüentemente, atender às necessidades que vão surgindo.

Tardif (2000) considera que os saberes profissionais dos professores são plurais e heterogêneos, e que isso se deve a três fatores. Primeiramente são assim considerados porque provêm de diversas fontes, podem ser oriundos da cultura pessoal do professor, história de vida e experiência escolar anterior, conhecimentos disciplinares adquiridos na universidade, em sua formação profissional. Podem ser também conhecimentos curriculares provenientes de programas, guias e manuais escolares, e principalmente a experiência adquirida com seu trabalho.

Tardif (2000) e Veiga (2006) fecham um perfil de atuação docente que vai ao encontro de minha vivência até a entrada na Universidade e posterior a esta, pois fui mudando sem me perceber que tinha revisto meus hábitos de estudos, iniciei a (re)construção de recursos didáticos já utilizados inúmeras vezes por mim que culminou em uma nova metodologia de ensino, onde ensinar e também aprender que estamos sempre em formação, nunca estamos prontos, completos e isto me fez acordar que a cada dia a sala de aula é um desafio ímpar.

5 A FORMAÇÃO EM PEDAGOGIA NA UFPA (PARFOR)

Em 2009, o diretor da escola que eu trabalhava me apresentou a Plataforma Freire. Eu me inscrevi, mas não fui contemplada de imediato. Depois de várias tentativas, finalmente saiu meu nome: eu iria estudar na Universidade Federal do Pará! Eu fiquei muito contente, pois era o meu grande sonho. Eu já tinha dado início a um curso de Pedagogia em uma faculdade particular, mas havia trancado por não ter condição de efetuar as mensalidades.

Para mim foi fabuloso ter conseguido passar na UFPA. Dias antes de começar as aulas fui conhecer a UFPA e me encantei com o tamanho, localização, rio... Tudo me fascinou na Universidade.

O sonho de cursar o ensino superior foi alcançado já na fase adulta. Ao entrar no curso de Pedagogia, percebi que não era só eu que estava embarcando neste sonho tardio, pois a grande maioria de meus colegas tinha a minha faixa etária.

Entrar na faculdade não é exclusividade de quem acabou de concluir o ensino médio. O mais recente Censo da Educação Superior do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) revelou que em apenas dois anos, entre 2011 e 2013, o número de alunos com mais de 40 anos nas instituições de ensino superior aumentou 27,7%. Dos cerca de 7,1 milhões de universitários brasileiros, mais de 641 mil têm entre 40 e 59 anos. A maioria desses estudantes mais maduros – 505 mil, aproximadamente – está matriculada em faculdades privadas (GUIA DA CARREIRA, 2017, p. 1).

Lembro da primeira disciplina, Filosofia, ministrada pela professora Rose Jordano, que nos apresentou a “Alegoria da Caverna”. Dormi com Platão nos pensamentos. Ele conseguiu resgatar os valores de extrema importância para o nosso novo conhecimento que outrora estava escondido em uma caverna sem sequer ver a luz sol. Isso ficou marcado na minha memória. Foram muitos conhecimentos, muita leitura, que geralmente fazia nas viagens de ida e volta de ônibus.

Comecei a gostar das leituras e consegui me destacar na turma, a me sentir confiante. Foram momentos maravilhosos, mas também difíceis. Sentia uma falta de respeito para com as turmas do PARFOR, pois não tínhamos salas certas: cada dia estávamos em uma sala diferente, as vezes sem internet, energia e uma coordenação sempre indelicada com a turma do PARFOR.

Em 2013, fui para São Paulo doar um dos meus rins para meu irmão que estava só com 20% de um dos rins funcionando. Entre 8 irmãos, eu fui 100% compatível. Por conta do transplante, perdi algumas disciplinas, o que me atrasou muito. Tive que fazer 3 tutorias e

cursar 4 disciplinas à noite em turmas extensivas de Pedagogia. Percebi que a minha turma do Parfor participava mais da aula do que os alunos do curso extensivo de pedagogia. Havia mais relatos de experiências, pois a maioria estava em regência. Já no extensivo eram jovens que tinha dificuldade de se expressar, pois nunca vivenciaram uma regência.

Em toda a minha vida acadêmica cursei cerca de 44 disciplinas, que com certeza contribuíram significativamente para minha prática como educadora no município de Marituba. Destaco três disciplinas que marcaram minha vida acadêmica: FTM de educação infantil, com a professora Ana Maria Tancredi, que aprendi sobre desenvolvimento intelectual das crianças e as políticas da educação infantil no Pará. Informática básica com professor Rodrigo Neto, que com muita paciência nos ensinou as funções básicas de como manusear o computador. Um outro professor que muito contribuiu para nossa formação foi o professor Salomão Haje, na disciplina de pesquisa educacional, na qual aprendemos como buscar informações através da investigação, ou seja, o confronto entre teoria e prática.

A partir dos conhecimentos adquirido nas aulas pude mudar muito em relação a minha prática, construída junto com a teoria. Desse modo, todos ganharam com minha formação acadêmica: a escola, meus alunos e principalmente eu, enquanto professora, que a partir dos novos conhecimentos adquiridos que me levam a pensar, refletir, dialogar e discutir a construção e reconstrução a partir de um novo olhar sobre o mundo e sobre mim mesma.

Nessa caminhada, percebo quantas coisas mudaram desde quando iniciei na docência, os métodos de ensino, as exigências sociais, as demandas educacionais. Mas posso constatar que muita coisa ainda precisa mudar, principalmente no que diz respeito a formação dos professores, para que nós possamos nos sentirmos aptos a assumir a regência de uma sala de aula.

Nesta perspectiva, apesar de termos clareza das incertezas e das profundas transformações, a “fonte” da aprendizagem do docente está na sua incessante e incansável atualização. Como bem disse Benicá (2004, p. 104), “a prática pedagógica é objeto de investigação e uma fonte de conhecimento”.

Aprender a ser professor, nesse contexto, não é, portanto, tarefa que se conclua após estudos de um aparato de conteúdos e de técnicas para a transmissão deles. É uma aprendizagem que se deve dar por meio de situações práticas que sejam efetivamente problemáticas, o que exige o desenvolvimento de uma prática reflexiva competente. Exige ainda que, para além de conceitos e de procedimentos, sejam trabalhadas atitudes, sendo estas consideradas tão importante quanto aqueles (LIMA,2003).

Relembrando as minhas memórias posso afirmar que as dificuldades existem para que possamos superá-las. Portanto, a cada sofrimento esquecido no baú velho e empoeirado dar-se lugar a alegria e novos aprendizados. Não precisamos fazer nada tão espetacular, mas que o mínimo seja o máximo e que todos nós possamos dar o melhor de nós mesmos. Esse é o maior ensinamento que tenho da minha vida acadêmica.

6. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Estar em formação implica um investimento pessoal, um trabalho livre e criativo sobre os percursos e os projetos próprios, com vista à construção de uma identidade, que é também uma identidade profissional (NÓVOA, 2001).

Este memorial teve a pretensão de suscitar a consolidação de práticas que efetivem a construção e a realização de ações transformadoras advindas ao encontro da consciência dos valores na atuação docente através das práticas reflexivas na construção do saber docente.

O que sugere um professor crítico da ação e formação profissional. Esta ação emancipadora das formas e do pensamento prático educativo tem sua vertente nos processos de formação e nos processos contínuos de descoberta e redescoberta destas ações transformadoras, numa postura crítica diante do seu fazer docente tendo como eixo central a “reflexão na ação e a ação reflexiva”.

Neste processo, o professor tem papel decisivo, enquanto profissional deve possibilitar e conduzir à reflexão exercendo seu papel de líder na preparação dos educandos, objetivando a formação de cidadãos ativos e críticos em que “o professor tem um papel decisivo: tem o poder de se comunicar [...] um porta voz de princípios, conceitos e hábitos [...] deixa o papel de mero informante e passa a interagir com o aluno, construindo junto o conhecimento e o saber” (BENINCÁ, 2004, p.154-155).

Acrescentando a isso, faz-se necessário o rompimento das “amarras” da “zona de conforto”, onde os modelos metodológicos ultrapassados vêm, por comprometer um ensino de qualidade, onde o grande fantasma dos docentes são as pressões e os rótulos pré-estabelecidos que acabem por engessá-los, fazendo com que permaneçam executando uma prática pedagógica distante da dialogia, ação-reflexão-ação, através do conhecimento científico e da prática cotidiana, referindo-se a isso, Benincá (2004, p.157) aponta que “é preciso rever posições, revisar roteiros, romper os quadros esquemáticos que relegam nossa prática a um status submisso aos chavões advindos do senso comum”.

Diante disso, posso dizer que o PARFOR não fechou o meu sonho, mas simplesmente deu-me condições de sonhar mais e de perceber que estou no caminho certo e este está apenas iniciando. O caminho da educação é árduo, mas tem suas recompensas que não vem com a remuneração, mas com a satisfação de ter possibilidade de ensinar a sonhar.

Vale ressaltar que o PARFOR é um programa em colaboração entre o Governo Federal, as instituições formadoras e a redes públicas de ensino, as professoras como eu,

tiveram a oportunidade de chegar ao ensino superior sem comprometer a renda familiar, pois se não fosse isso não teria como ser diferente.

O aspecto da gratuidade foi o primeiro aspecto que possibilitou o acesso à formação inicial dessas professoras e claro, a minha também. O conhecimento adquirido por meio dos referenciais teóricos, as discussões acerca de suas próprias práticas e as reflexões proporcionadas no curso oportunizaram a ressignificação da relação teoria-prática, reforçando a importância de se produzir uma formação inicial *in loco*.

Hoje falo sem pestanejar eu sou professora e me tornei melhor profissional que tem como mediador deste feito os professores que possibilitaram a minha formação no espaço-tempo de sala de aula do PARFOR. Na verdade, a grande mudança em meu fazer pedagógico se deu a partir da minha trajetória acadêmica no Parfor UFPA, juntamente com meus professores que muito nos ensinou a teoria, pois a prática já tínhamos.

Concluo afirmando que é possível realizar os nossos sonhos realizar, pois sou prova disso. De um banquinho simples da escola do tio Bá, hoje sou pedagoga formada pela Universidade Federal do Pará.

REFERÊNCIAS

BARRIOS, Fatima Aparecida; CUNHA, Juliana Paraizo F. Brinquedos e brincadeiras antigas um resgate da cultura popular. **Congresso de profissionais das Universidades do estado de São Paulo- CONPUESP.** 25 e 26 /10/2011. Disponível em; <http://sistemas.rei.unicamp.br/ggbs/conpuesp/posteres/20119258418.pdf>. Acessado em; 27/10/2017.14.11'

BENINCÁ, Elli. CAIAI Eloísa. **Formação de professores: um diálogo entre teoria e a prática.** 2 ed.P/F.Ed.Universidade de Passo Fundo.2004.

BORTOLOTTO, Nelita, et al. **Estágio Supervisionado I e II.** Florianópolis: LLV/CCE/UFSC, 2011.

BOSI, E. **O tempo vivo da memória: ensaios de Psicologia Social.** São Paulo: Ateliê,2003

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente:** lei n. 8.069, de 13 de julho de 1990, e legislação correlata, 9. ed. – Brasília: Câmara dos Deputados, Edições Câmara, 2010. (Série legislação ; n. 83)

CAMPOS, M. M. et al. A qualidade da educação infantil: um estudo em seis capitais Brasileiras. In: **Cadernos de Pesquisa.**São Paulo, v. 41, n. 142, 2011. (pp. 20-54)Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0100-15742011000100003&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em: 28/10/2017.02h35'.

CHALITA, Gabriel. **Educação: a solução está no afeto.** 6º ed. São Paulo: Gente, 2001.

DELORS, Jacques. A educação para o século XXI: questões e perspectivas. Porto Alegre. Artmed. 2005.

DELORY-MOMBERGER. Christine. Abordagens metodológicas na pesquisa biográfica. **Revista Brasileira de Educação.** v. 17 n. 51 set./dez. 2012.

FERRAROTI, Franco. Sobre a autonomia do método biográfico. In: NÓVOA , Antonio; FINGER, Matthias. (Orgs.). **O método (auto)biográfico e a formação.** Natal: EDUFRN; São Paulo: Paulus, 2010. P. 33-57.

GOMES, Iara Emanuelle de Melo; LIMA, Iranete Maria da Silva. As ações de formação continuada para professores Da educação infantil e do ensino fundamental: uma Análise sobre a educação matemática. **III CANEDU.** Disponível em; http://www.editorarealize.com.br/revistas/conedu/trabalhos/TRABALHO_EV056_MD4_SA4_ID7664_15082016201401.pdf Acessado em: 28/10/2017.03h04'

GHEDIN, Evandro Luiz. Professor-reflexivo: da alienação da Técnica à autonomia da crítica. www.php.id... (15-10-2009).

GUIA DA CARREIRA. Disponível em; <http://www.guiadacarreira.com.br/carreira/faculdade-depois-dos-40-anos/> .Acessado em; 27/10/2017.12h05'

KRAHE, E.D.WIELEWICKI, H.G. Formação Docente Pedagógica Universitária e mudanças de racionalidade. Constituições ao debate sobre Políticas Educacionais. In: **III Encontro Internacional de Pesquisadores de Políticas Educacionais**, 2008, Porto Alegre. Anais de II Encontro Internacional de Pesquisadores de Políticas educacionais: Porto Alegre. UFRGSFACES- Núcleo de Estudos de Política de Gestão da Educação-2008. V.único. (pp.133-138).

MORIN, Edgar. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**, 3.^a ed., São Paulo, Cortez,2001.

NÓVOA, Antônio. **O professor pesquisador e reflexivo**. Entrevista concedida em 13/09/2001. Disponível em; www.tvebrasil.com.br/salto/entrevi, Acessado em; 28/10/2017.08h17'.

OLIVEIRA, Isolina. **A reflexão e o professor como investigador**. Disponível em; ia.fc.ul.pt/redeic/textos%20teoria/02-oliveira-serras.doc.site,Acessado em; 05-12-09. 09h31'

PIMENTA, Selma Garrido. Professor Reflexivo: construindo uma crítica. In: PIMENTA, Selma Garrido; GHEDIN, Evandro (orgs.). **Professor Reflexivo no Brasil: gênese e crítica de um conceito**. 3^a Ed., São Paulo: Cortez, p.17-57 S/P.

PINHO, Adeíto Manoel. **Perfeitas memórias: Literatura, Experiência e invenção**. Rio de Janeiro: 7Letras,2011.

PRADO, Alcindo Ferreira et al. **Ser Professor Na Contemporaneidade: Desafios Da Profissão**. Disponível em; https://www.inesul.edu.br/revista/arquivos/arq-idvol__1373923960.pdf Acessado em; 28/10/2017.01h19'.

ROBERTO, Lisandra Olinda. O Professor sua formação... www.centrorefedunacional.com.br-profprat.htm. 9-10-2009. SITE-espacoeducacao. ufjf,br/anais/cc/cc05_4.pdf. 09/10/2009.

SETUBAL, Oslí Adriel de Melo; MALDANER, Jair José. **Requisitos da Pedagogia Tradicional na Prática Docente: um relato de experiências a partir do PIBID IFTO-Campus Palmas**. Disponível em; <http://connepi.ifal.edu.br/ocs/index.php/connepi/CONNepi2010/paper/viewFile/799/517> Acessado em; 27/10/2017.13h20'

TARDIF, M. Saberes profissionais dos professores e conhecimentos universitários. **Revista brasileira de educação**, v. 13, n. 5, 2000.

VEIGA, I. P. A. **Técnicas de ensino: novos tempos, novas configurações**. Papirus Editora, 2006.